

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO
CENTRO DE LETRAS E ARTES
ESCOLA DE BELAS ARTES
CURSO DE GRADUAÇÃO EM PINTURA

@DCEUFRJ: Subjetividades na política de juventude

Juliana Mota Coutinho
DRE 114088956

Rio de Janeiro - RJ
2023

Juliana Mota Coutinho

@DCEUFRJ

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao setor Pintura, Dep. De Artes Base da Escola de Belas Artes da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Curso de Graduação em Pintura, como requisito para a obtenção do título de Bacharel em Pintura.

Orientação: Prof. Ricardo Pereira

CIP - Catalogação na Publicação

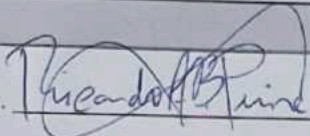

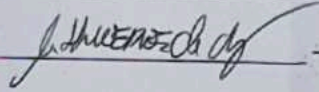

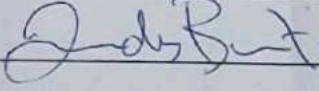

C871@ Coutinho, Juliana
@DCEUFRJ: Subjetividades na política de juventude
/ Juliana Coutinho. -- Rio de Janeiro, 2023.
63 f.

Orientador: Ricardo Pereira.
Trabalho de conclusão de curso (graduação) -
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Escola de
Belas Artes, Bacharel em Pintura, 2023.

1. Pintura. 2. Movimento Estudantil. 3. Redes
Sociais. I. Pereira, Ricardo, orient. II. Título. |

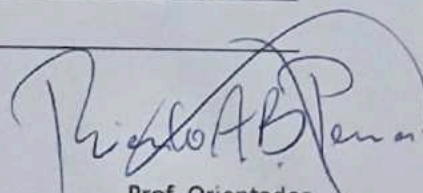
ATA DA SEÇÃO PÚBLICA DE AVALIAÇÃO DE TRABALHO DE CONCLUSÃO DE CURSO DE
GRADUAÇÃO

Às 13:30 horas do dia 08/12/2023, reuniu-se na Sala de Pesquisa do Ateliê de Pintura da Escola de Belas Artes da UFRJ a Banca Examinadora constituída pelas professoras Martha Werneck de Vasconcellos e Maria de Lourdes B. Santos Filha para avaliar a produção final das pinturas e do trabalho teórico intitulado: @DCEUFRJ: subjetividades na política de juventude da estudante **Juliana Mota Coutinho - DRE, 114088956**. Os trabalhos foram apresentados para cumprir os pré-requisitos para a conclusão do curso de Bacharel em Pintura. O Professor Orientador Ricardo A. B. Pereira abriu a seção apresentado os membros da Banca e a candidato(a), que teve vinte minutos para a apresentação de seus trabalhos. Os examinadores tiveram, cada um, quinze minutos para proceder à arguição/explanação, tendo também o candidato(a) quinze minutos para a resposta a cada um. Em seguida, a Banca se retirou para a deliberação sobre a nota do candidato. A Banca atribuiu-lhe o grau dez (10,00). O resultado foi comunicado publicamente, encerrando-se a sessão com a assinatura da presente Ata.

Avaliadores		Rubrica	Grau
1º	Prof. Dr.  - EBA/UFRJ (Orientador)		10,00
2º	Prof. Dra.  - EBA/UFRJ		10,00
3º	Profª. Dra.  - EBA/UFRJ		10,0

Obs.: _____

Atenciosamente:


Prof. Orientador

AGRADECIMENTOS

A monografia a seguir e as pinturas que a acompanham só foram possíveis graças à insistência das pessoas queridas que me cercam. Nos momentos em que não tinha nenhuma confiança no meu próprio trabalho, sobravam palavras de incentivo de vários que não terei espaço nem memória para nomear aqui. Espero que saibam da ajuda que foram.

Escrevo e pinto esse trabalho para cada um dos militantes que foram referência para pintura e a todos aqueles que se esforçaram em construir o quase centenário DCE Mário Prata. Dedico principalmente ao meu Partido e a todos os camaradas que cruzaram meu caminho. Vocês são imprescindíveis.

RESUMO

A monografia a seguir é uma investigação pictórica das características formais do movimento estudantil brasileiro em tempos de redes sociais e tem como objeto de estudo o Diretório Central dos Estudantes da UFRJ (DCE Mário Prata). A pesquisa resultou em pinturas feitas a partir de referências fotográficas retiradas diretamente da página do *Instagram* do DCE, tanto de campanhas temáticas (LGBTs pelo Fora Bolsonaro) quanto de vídeos feitos pelos próprios diretores.

Palavras-chave: pintura; movimento estudantil; redes sociais

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Fig. 1: Vilma Espín e Celia Sanchez. Pintura realizada no segundo período da graduação, para a disciplina de Criação Pictórica 2. Óleo sobre papel kraft 21x15cm.

Fig. 2: Trabalhos dos primeiros períodos do curso de pintura. Da esquerda para a direita: Camilo Cienfuegos (figura da Revolução Cubana) em caneta posca e desfiles da Coreia Popular em aquarela.

Fig. 3: Aquarela feita como estudo para a disciplina de pintura V. Militantes do PCB após ato durante a pandemia.

fig. 4: Marcela Cantuária, La Larga Noche de Los 500 Años, óleo e acrílica sobre tela. (disponível em: <https://www.agenticarioca.com.br/exhibitions/8-marcela-cantuaria-la-larga-noche-de-los/>. Acesso em 23/08/2023)

Fig. 5: Estudo a lápis para pintura em processos iniciais do TCC.

Fig. 6: Estudo cromático para pintura. Arte digital.

Fig. 7: Estudo cromático para pintura. Arte digital

Fig. 8: Cartaz para o aniversário de 95 anos da UJC. Arte digital.

Fig. 9: Cartaz para o aniversário de 95 anos da UJC. Arte digital.

Fig. 10: Capa da Revista Horizonte número 8. Xilogravura chinesa de título “Chegada do Exército de Libertação”. Autor não identificado.

Fig. 11: Marisa Stratton, série de pinturas Keep Scrolling. Óleo sobre madeira, 2022.

Fig. 12: Estudo inicial de plaquinha, arte digital.

Fig. 13: Estudos cromáticos de pintura a óleo para as plaquinhas, em papel kraft e Paraná.

Fig. 14: Estudos de plaquinha em aquarela sobre papel e óleo e posca sobre papel paraná. Decalque para transferência no papel vegetal.

Fig. 15: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante do Movimento Negro Perifa Zumbi em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Única das plaquinhas que não é uma *selfie*. Acesso: 12/09/2022

Fig. 16: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante da União da Juventude Comunista em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Acesso: 12/09/2022

Fig. 17: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante do coletivo Juntos! em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Acesso: 12/09/2022

Fig. 18: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante do Coletivo RUA em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Acesso: 12/09/2022

Fig. 19: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 20: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 21: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 22: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 23: Sem título, óleo sobre Papel Paraná, 40x50cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 24: Sem título, óleo sobre Papel Paraná, 40x50cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 25: Captura de tela de vídeo publicado na página do Instagram do DCE da UFRJ. Diretoras do DCE em frente ao Parque Tecnológico da UFRJ. Acesso: 13/02/2023.

Fig. 26: Captura de tela de vídeo publicado no Instagram do DCE da UFRJ. Diretores do DCE em CONEG da UNE (Congresso Nacional de Entidades Gerais da União Nacional dos Estudantes). Acesso: 13/02/2023.

Fig. 27: Captura de tela de vídeo publicado no Instagram do DCE da UFRJ em sessão do Conselho Universitário da UFRJ (CONSUNI). Acesso: 13/02/2023

Fig. 28: Captura de tela de vídeo publicado no perfil do Instagram do DCE da UFRJ. Diretoras do DCE em manifestação contra aumento de passagem dos trens, filmado na estação Central. Acesso: 13/04/2023.

Fig. 29: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 30: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 31: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 32: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 33: Logotipo do DCE da UFRJ na versão de texto.

Fig. 34: DCE UFRJ em campanha de solidariedade trans. As imagens com filtro costumavam acompanhar texto explicativo sobre a campanha. (Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=375541759321613&set=a.268050769122157> Acesso 03/06/2023)

Fig. 35: DCE UFRJ em campanha LGBT não-identificada. (Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=497766467099141&set=a.268050769122157> . Acesso 03/06/2023)

Fig. 36: Mário Prata #1, têmpera vinílica sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 37: Mário Prata #2, óleo sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 38: Mário Prata #3, têmpera vinílica sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023

Fig. 39: Mário Prata #4, têmpera vinílica sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

Fig. 40: Cartaz da exposição @DCEUFRJ na Galeria Macunaíma

Fig. 41: Pinturas expostas no Hall da Reitoria

Fig. 42: Pinturas expostas no Hall da Reitoria

1. INTRODUÇÃO.....	10
2. PROCESSO POÉTICO.....	13
3. O PROCESSO DE PINTURA.....	22
4. DCE DA UFRJ.....	28
5. AS PLAQUINHAS.....	30
6. VÍDEOS.....	40
7. MÁRIO PRATA.....	49
8. CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	57
ANEXO.....	58
BIBLIOGRAFIA.....	62

1. INTRODUÇÃO

Durante minha passagem pela Escola de Belas Artes da UFRJ, inicialmente no curso de design, e depois, em pintura, me dediquei intensamente à militância no movimento estudantil. Fui diretora do DCE por três anos, membro do centro acadêmico da Escola de Belas Artes (CAEBA) conselheira universitária, fiz parte da comissão de consulta de pesquisa para reitoria e construí greves, ocupações e dezenas de atos junto às outras categorias da Universidade.

Com isso em mente, é de se imaginar que meu trabalho acadêmico e meu trabalho militante se entrelaçam: o que faço enquanto militante não escapa do design e da pintura e vice-versa. Na faculdade, foram diversas as vezes que mergulhei nos temas sociais.

Apesar do meu próprio engajamento, minha produção se manteve distante da realidade que conheci. Nos primeiros períodos de Pintura, retratei a Revolução Cubana e a República Popular da Coreia (figs. 1 e 2), ambas experiências que tive contato apenas através de fotos, cujo cotidiano e movimentos sociais me eram alienígenas. Pintei manifestações e registros históricos como resgate de experiências socialistas que nada tinham a ver com as ocupações e manifestações das quais eu mesma participava ativamente.



Fig. 1: Vilma Espín e Celia Sanchez. Pintura realizada no segundo período da graduação, para a disciplina de Criação Pictórica 2. Óleo sobre papel kraft 21x15cm.



Fig. 2: Trabalhos dos primeiros períodos do curso de pintura. Da esquerda para a direita: Camilo Cienfuegos (figura da Revolução Cubana) em caneta posca e desfiles da Coreia Popular em aquarela.

A relação mais próxima com meu objeto de estudo só veio durante o período de aulas remotas da pandemia de COVID-19. Durante o período busquei usar referências de imagens de manifestação política feitas ainda com a obrigatoriedade de máscaras descartáveis (fig. 3). Pintei amigos e militantes presentes no meu cotidiano, com fotos de referência também tiradas por conhecidos.



Fig. 3: Aquarela feita como estudo para a disciplina de pintura V. Militantes do PCB após ato durante a pandemia.

O presente trabalho tem como objetivo, portanto, aproximar a realidade concreta do movimento estudantil com o meu fazer pictórico. Simultâneo a isso, essas pinturas são também um esforço de se preservar a memória do momento de efervescência política que é a vida universitária em suas manifestações mais simples.

2. PROCESSO POÉTICO

A abordagem em minhas pinturas nos períodos anteriores vinha de uma certa distância do objeto de estudo. Foi a partir desse olhar que fiz os estudos iniciais deste TCC.

Tive como referência nessa parte do processo as pinturas de Marcela Cantuária (fig. 4), tanto pela temática social quanto pelo trabalho cromático de alta saturação. Há algo de mágico na forma como ela faz praticamente uma colagem de diversas cenas de uma América Latina que respira luta. A intimidade com minha pintura e com meus interesses me fez perceber que, apesar de me inspirar como artista, minhas intenções caminham em sentidos bem diferentes.



fig. 4: Marcela Cantuária, La Larga Noche de Los 500 Años, óleo e acrílica sobre tela. (disponível em: <https://www.agentilcarioca.com.br/exhibitions/8-marcela-cantuaria-la-larga-noche-de-los/>. Acesso em 23/08/2023)

Com os primeiros estudos de pintura, o objetivo era de que a composição do trabalho se assemelhasse mais a um cartaz: me preocupei com o espaço negativo da imagem, com as poucas cores e o fundo desses primeiros estudos eram completamente planos (figs. 5 a 7). No mesmo período, realizei cartazes de temática semelhante para o aniversário da União da Juventude Comunista (figs. 8 e 9), organização de juventude vinculada ao PCB (Partido Comunista Brasileiro),

ambos dos quais faço parte. À época, considerei incluir os cartazes militantes na minha exposição individual.



Fig. 5: Estudo a lápis para pintura em processos iniciais do TCC.



Fig. 6: Estudo cromático para pintura. Arte digital.



Fig. 7: Estudio cromático para pintura. Arte digital

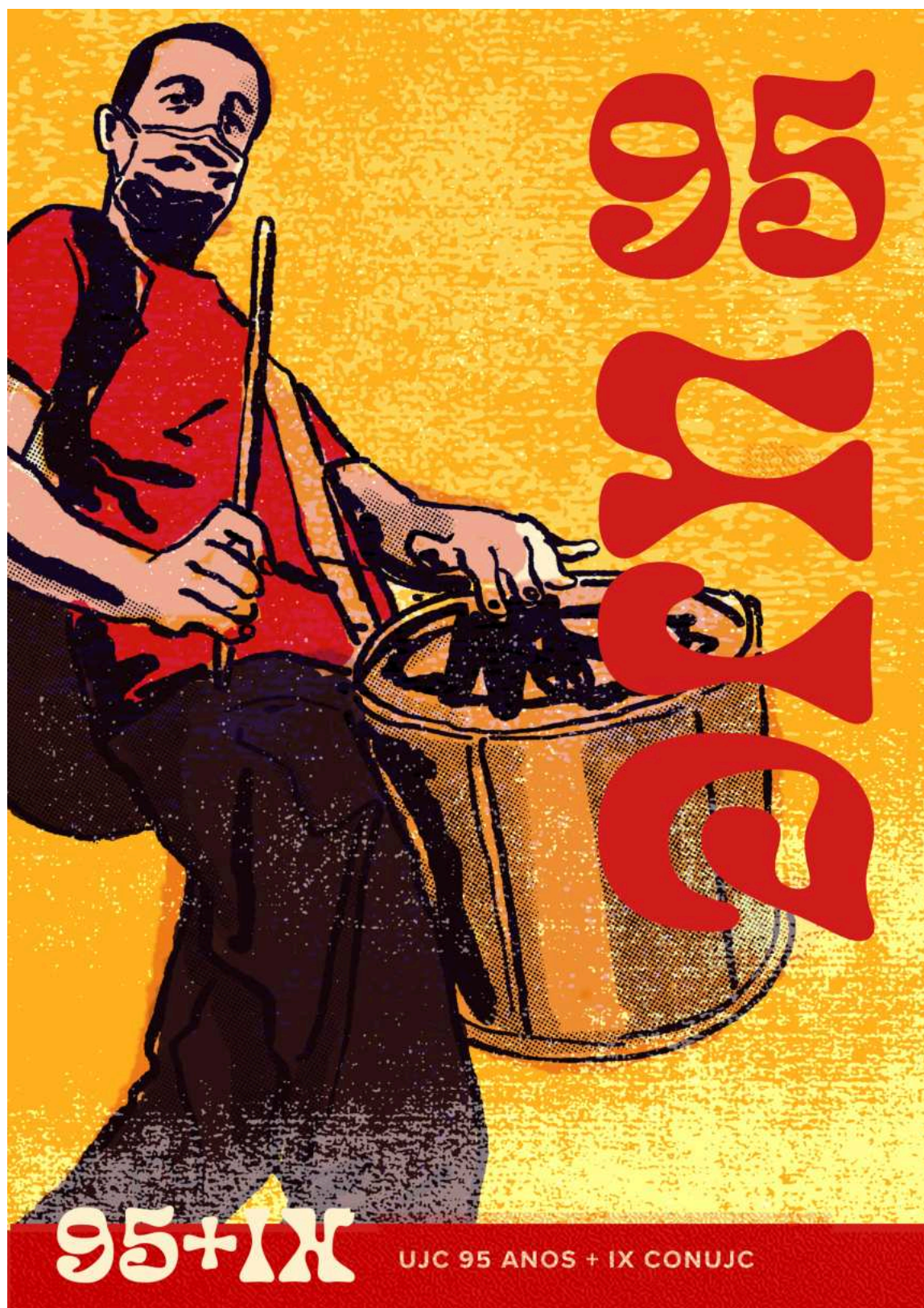


Fig. 8: Cartaz para o aniversário de 95 anos da UJC. Arte digital.



Fig. 9: Cartaz para o aniversário de 95 anos da UJC. Arte digital.

Colocando as imagens lado a lado, fica claro que a temática e, de certa forma, as decisões em torno da composição, são comuns às pinturas e aos cartazes. Foi no

processo de projetar os cartazes de aniversário que percebi a principal problemática na forma de executar meu trabalho.

Meu maior incômodo era a minha própria poética. Se continuasse a pintar manifestação da forma que estava fazendo, meu trabalho de conclusão de curso seria apenas uma série de cartazes de propaganda pintados a óleo. Fundamentalmente, não é um problema: trabalhar com cartazismo abriria diálogo com diversas referências na minha pintura e seria um chamado à ação militante. Entretanto, não tinha isso como minhas intenções.

O objetivo era estabelecer uma ligação entre quem quer que experienciasse minha pintura e o dia-a-dia militante em suas variadas manifestações (agitar bandeiras, panfletar, tocar em bateria, montar panfletos e cartazes). Acredito que seria possível se a execução fosse outra, menos panfletária.

Quando se comenta de arte de temática social, a discussão sobre arte panfletária também vem à tona. Aracy Amaral coloca a questão logo na introdução de seu livro *Arte para Quê* como uma das problemáticas que tangem a arte social. Ela cita artigo de Gassiot-Talabot (1987, p. 13):

“O pior que pode acontecer a um pintor revolucionário não é tanto se submeter, pela preguiça ou necessidade, às pressões de um *marchand* numa sociedade capitalista, como tornar-se, numa sociedade socialista, um cego incensador do regime, um porta-voz da integração, um homem que cessou de manter um olho vigilante no mundo que ele está ajudando a construir, e tudo isso através da submissão a uma disciplina e a uma ideologia.”

Apesar de discordar com as preocupações sobre o artista enquanto “incensador do regime”, entendo o trecho como um alerta para que o pintor não seja somente um veículo de mensagens, como se espera de, digamos, um designer. É preciso que o papel do artista revolucionário seja de constante diálogo com a sua realidade.

Em sequência menciona a preocupação de Mao Zedong, figura de liderança na revolução chinesa, com a plasticidade da arte engajada. Para ele, trabalhos revolucionários em conteúdo e fracos em forma são ineficazes no papel político (Aracy Amaral apud Gassiot-Talabot, 1987, p. 13).

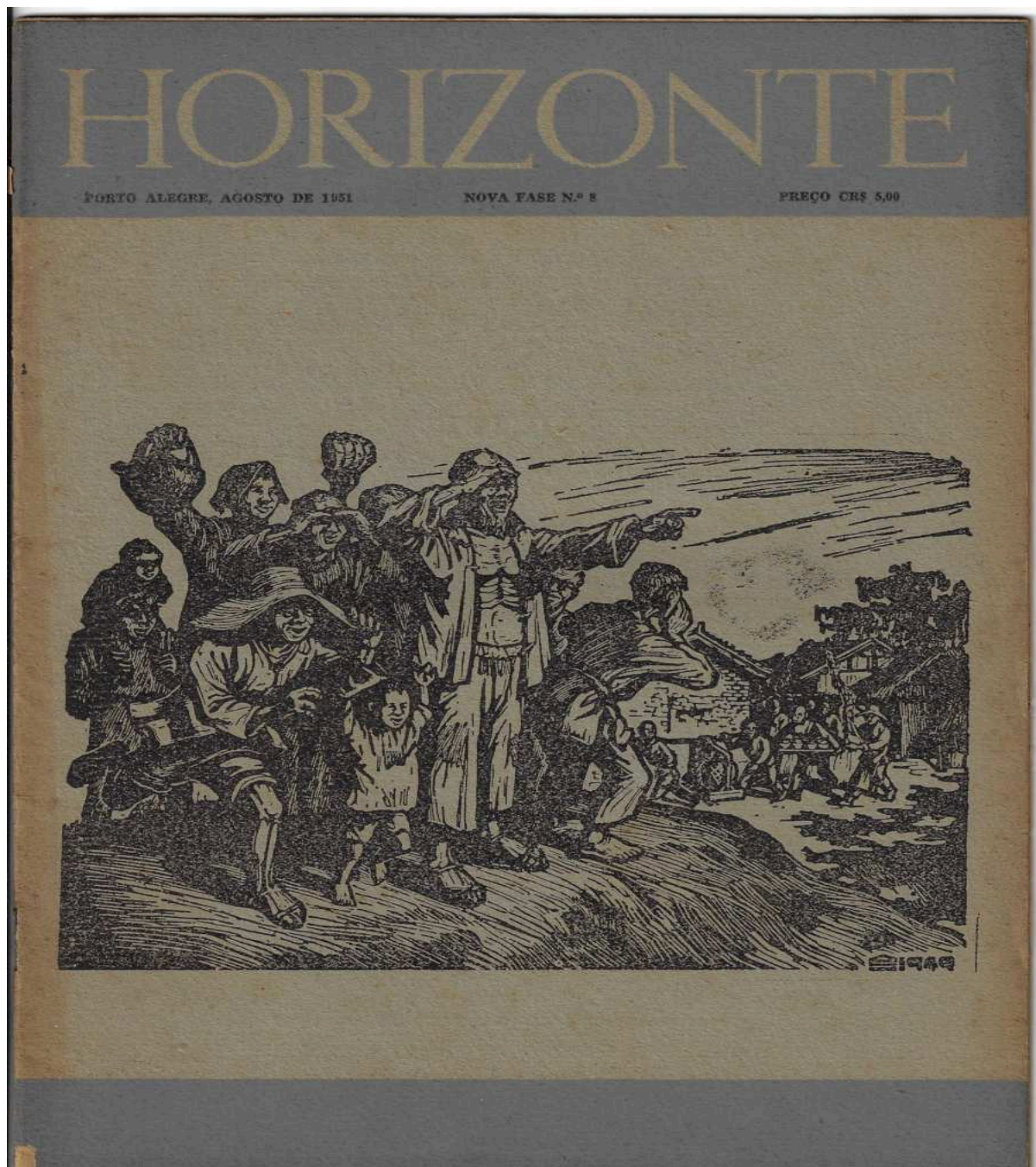


Fig. 10: Capa da Revista Horizonte¹ número 8. Xilogravura chinesa de título “Chegada do Exército de Libertação”. Autor não identificado.

Ao ver meu próprio trabalho até então, acredito que houve pouca preocupação plástica e poética. Não pensei sobre o formato, tampouco sobre o suporte e todas as minhas referências tinham sido tiradas diretamente de fotos tiradas de contatos do

¹ Revista de temática cultural vinculada ao Clube de Gravura de Porto Alegre e ao PCB. Esteve em circulação durante a década de 1950.

Instagram de partidos e coletivos partidários, páginas que tem como função divulgar e encorajar o recrutamento de novos militantes.

Replicar essas fotografias de outras pessoas dessa forma seria, portanto, vazio. Não existe esforço de apropriação do trabalho nem de construção de algo novo. Além disso, a função original das fotografias de manifestação difere do que eu buscava enquanto artista. Era hora de trocar o foco do trabalho.

3. O PROCESSO DE PINTURA

Quando comecei o TCC, ainda na ideia anterior, estávamos em períodos de pandemia de COVID-19. A adesão da Universidade a aulas online só me desmotivou com o processo pictórico. Longe do ateliê da UFRJ, não era seguro, em termos de saúde, usar óleo. Na minha casa, não há espaço arejado e bem iluminado e me resta apenas meu quarto para pintar.

Nessa etapa inicial, estive em maus termos com pintura. Fiquei quase dois anos sem pintar e me faltava confiança e memória muscular para fazer telas ou gastar dinheiro com madeira. Em suma, quaisquer formas de pintura que parecessem grande compromisso estavam fora de cogitação, pela falta de espaço e minha própria insegurança.

Com essas limitações, me dispus primeiro a fazer trabalhos em tinta acrílica e de pequena dimensão. Cortei folhas de papel paraná de 1,5mm de espessura no tamanho de 30x30cm e me pus a preparar todas elas com fundo vermelho, usando tinta PVA. À época, achava que o vermelho deveria transparecer em todas as pinturas como elemento unificador.

Não acabei nenhum desses trabalhos, em parte pela falta de afinidade que estava com o fazer pictórico, mas principalmente pela mudança de rumo.

Quando decidi abordar as plaquinhas de campanha usadas pela juventude militante, surgiu a necessidade de repensar todo o trabalho. Se, por um lado, a relação com pintura não era boa, a demanda pela produção da exposição exigia que eu pintasse independente de minhas questões subjetivas.

Esse obstáculo concreto me deu a possibilidade de pensar o próprio TCC como “retorno a pintura”. Na prática, isso significava encarar os trabalhos mais como estudos e um processo de reaprender a lidar com os problemas que desenho e pintura nos apresentam para resolver.

Nisso, a primeira escolha que fiz foi de suporte: manteria o papel paraná. Além de ser material barato, é menos trabalhoso no preparo que esticar lona e o uso de papel dialoga com a temática de cartaz das plaquinhas. Para as pinturas de vídeo e as do Mário Prata, decidi manter o papel paraná pela unidade de materiais.



Fig. 11: Marisa Stratton, série de pinturas Keep Scrolling. Óleo sobre madeira, 2022.

Quando troquei a temática, não sabia sequer a forma que eu trataria o desenho. Tinha como ponto de partida temático pras plaquinhas o trabalho de Marisa Stratton (fig. 11) e suas pinturas baseadas em *stories*. Marisa pinta retratos de seus amigos e de registros que eles fazem no seu dia-a-dia no tamanho de uma tela de celular.

Para mim, era essencial representar os elementos que destacavam a subjetividade dos autorretratos que me eram referência: logo, manter a composição original e me ater aos detalhes de pose, expressão e representar o ambiente quando este chamasse a atenção na imagem.

Os primeiros estudos de desenho para as pinturas foram feitos à mão livre (fig. 12 e 13), sem grade de referência. Com o tempo, percebi que o desenho de base poderia ser uma questão e decidi reduzir a interferência do desenho ao máximo. Usei o monitor do meu computador como mesa de luz para transferir as imagens com o auxílio de papel vegetal e pigmento em pó (fig. 14).

Experimentei com três técnicas: acrílica, têmpera vinílica e óleo. O tempo curto de secagem das duas primeiras foi problema para a maior parte dos trabalhos, especialmente durante o período de readaptação com o ato de pintar. Exceção para isso são as pinturas de Mário Prata, que tinham como intenção serem feitas rapidamente e por isso são quase todas em têmpera².

A escolha do óleo vem justamente do processo mais lento de secagem, que me permitiu não só retrabalhar a pintura como, quando necessário, me afastar dela por semanas antes de retornar ao processo. Assim, enxergava meus trabalhos sem o olhar ansioso de quem acredita que tudo pode dar errado.

Além do óleo e da têmpera vinílica, preparei a imprimação do papel Paraná com mistura de água, carbonato de cálcio, dióxido de titânio e cola para diminuir a absorção do papel. Depois, usei uma camada de tinta acrílica colorida (em azul, marrom, verde, ocre e laranja, a depender da pintura) para o fundo.

É importante colocar ainda nesse ponto, como uma observação, a dificuldade que tive com amarelos. Os amarelos que tinha à disposição em óleo, das marcas corfix e acrílex (limão, cádmio claro, ocre e amarelo transparente) ou eram muito frios ou muito transparentes para algumas áreas em camisetas, como o símbolo de foice e martelo. A melhor forma de resolver foi preparar minha própria tinta com óleo de linhaça e pasta de cera de carnaúba como médium. O pigmento utilizado foi o Amarelo Ocre Claro da marca Joules&Joules.

² A única das quatro que foi feita a óleo só é assim por falta de pigmentos para têmpera.

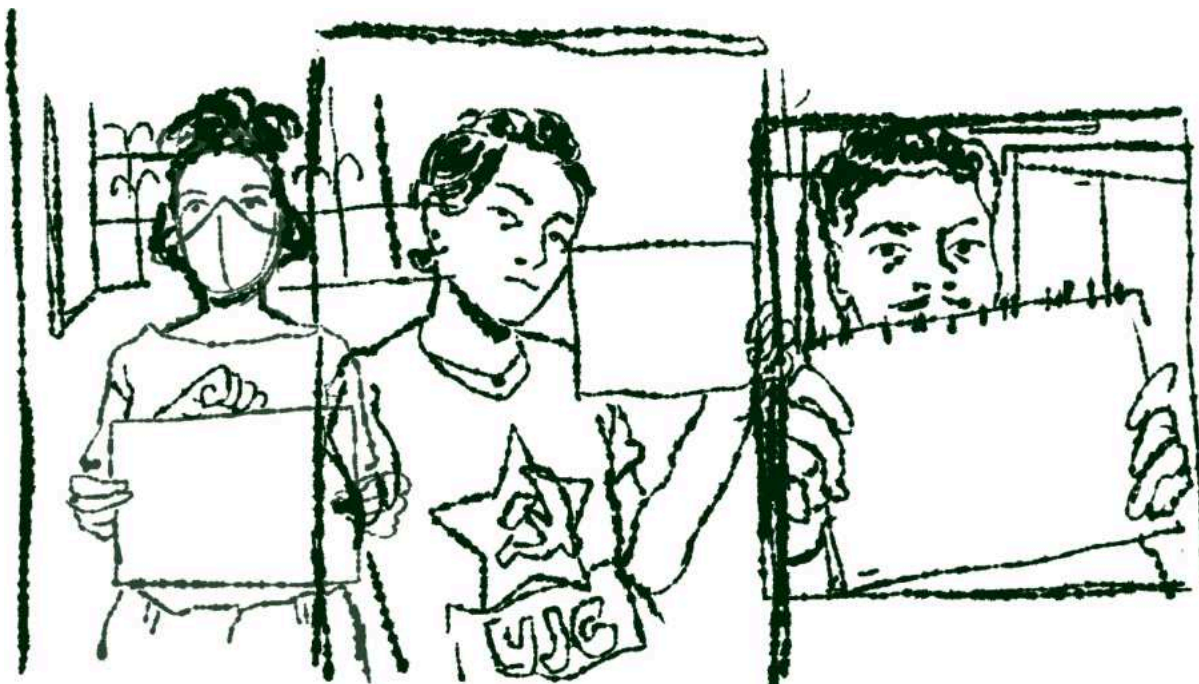


Fig. 12: Estudo inicial de plaquinha, arte digital.

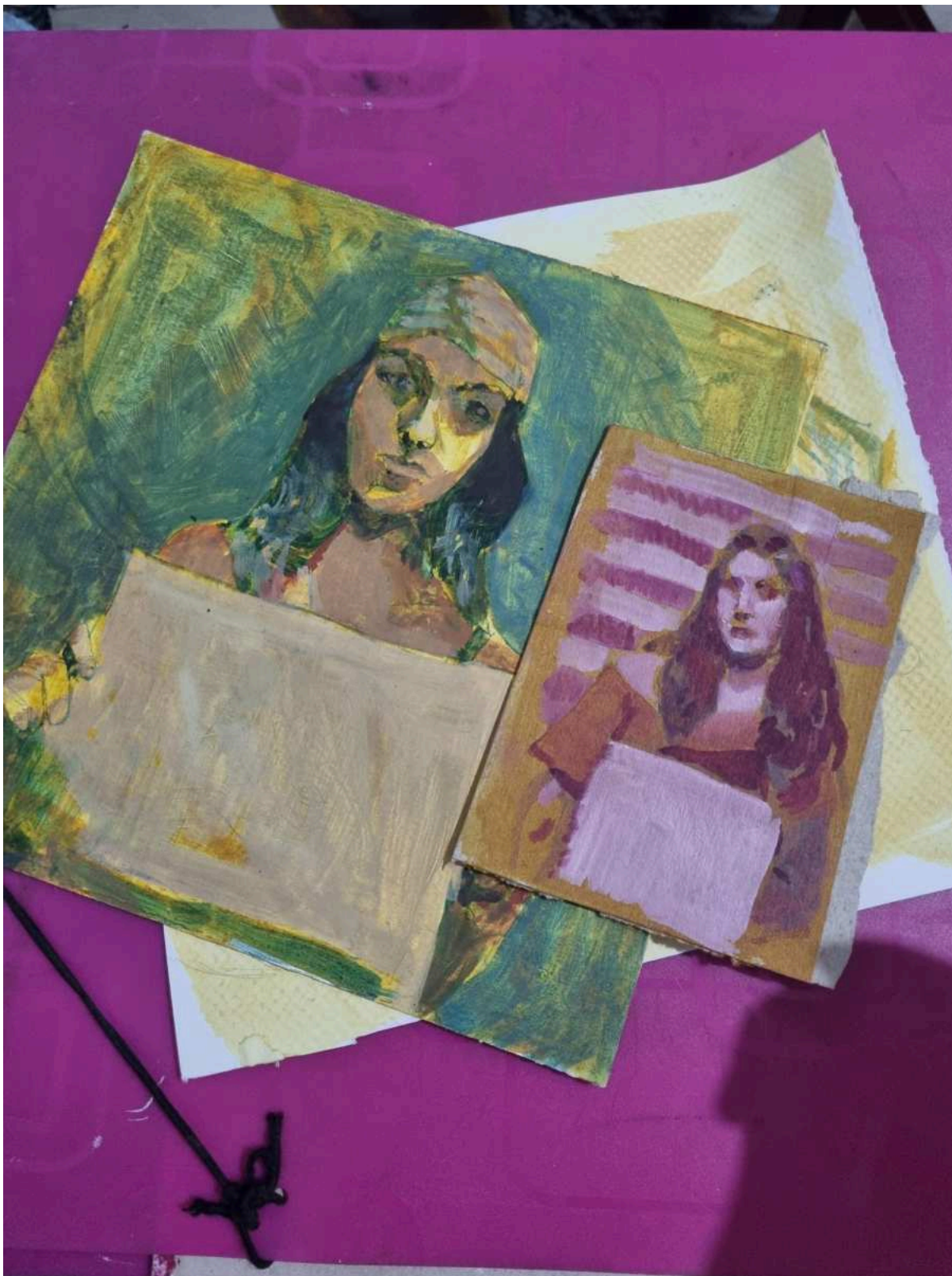


Fig. 13: Estudos cromáticos de pintura a óleo para as plaquinhas, em papel kraft e Paraná.

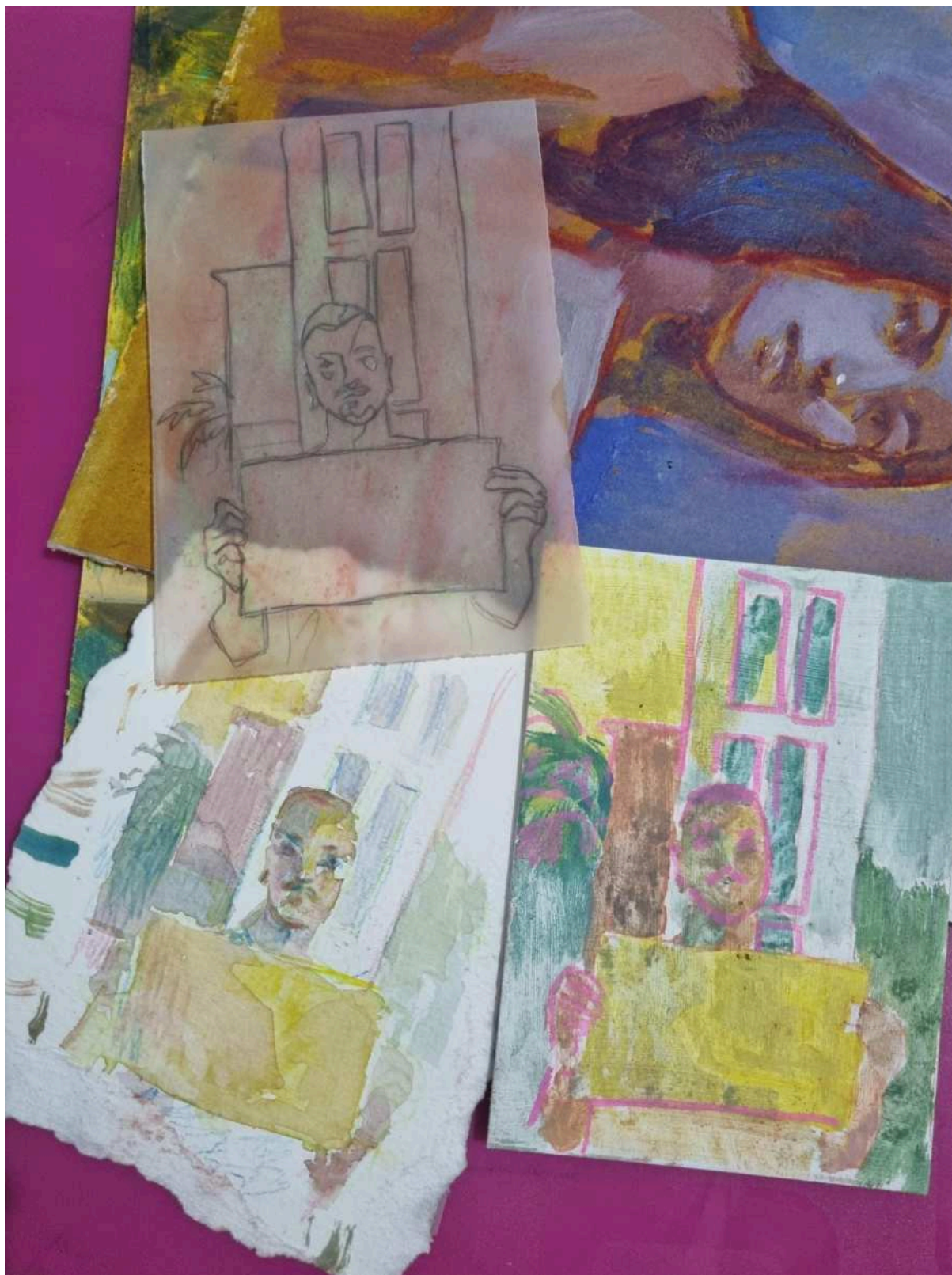


Fig. 14: Estudos de plaquinha em aquarela sobre papel e óleo e posca sobre papel paraná. Decalque para transferência no papel vegetal.

4. DCE DA UFRJ

Um diretório central de estudantes é a entidade que organiza o conjunto de estudantes de uma universidade³. No caso da UFRJ não poderia ser diferente: temos o DCE Mário Prata, cujas campanhas políticas são alvo de estudo desse trabalho. Se torna importante, portanto, contextualizá-lo aqui.

O DCE da UFRJ, em seu atual estatuto (aprovado em 2018), possui diretoria composta por 33 diretores. Sete deles formam a diretoria executiva e os 26 remanescentes se dividem em diretorias temáticas a serem nomeadas pela gestão. Dentre elas, destaco as seguintes como exemplo: assistência estudantil, mulheres, negros e negras, LGBT, comunicação. Essa última se repete como pasta na executiva, e é responsável pelas postagens e campanhas do diretório, devidamente aprovadas na direção ou em CEB⁴.

Na tradição marxista-leninista, muito se usa o termo *agitprop*, acrônimo para agitação e propaganda. Ambas atividades com sua devida importância no processo de aproximação e convencimento da classe trabalhadora e possuem relação constante de troca. Uma só faz sentido se acompanhada da outra.

Considerando a influência marxista nos coletivos que dirigem o DCE da UFRJ nos últimos anos (RUA, Correnteza, UJC, Juntos, Coletivo Marxista, Afronte), não é surpresa pensar que a forma leninista⁵ se faça presente na comunicação do DCE.

Além dos vídeos e plaquinhas, material usado como estudo aqui, o DCE executa panfletagem, rodas de conversa, plenárias, reuniões abertas e produziu jornais em várias de suas gestões. As diferentes formas de apresentação variam em densidade de conteúdo, se aproximando mais de agitação ou de propaganda conforme a demanda da entidade e da conjuntura.

No momento atual, em que redes sociais são o principal canal de comunicação de entidades estudantis, há outros fatores que interferem no tipo de conteúdo que pode ser produzido. Nas redes existe limitação de caracteres e formato próprio a cada

³ No caso do DCE Mário Prata, ele também compreende os estudantes do Colégio de Aplicação da UFRJ como membros do diretório central.

⁴ Conselho de Entidades de Base: espaço de plenária em que o grêmio do CAP UFRJ e Centros e Diretórios Acadêmicos da Universidade debatem os mais variados temas.

⁵ A maioria desses coletivos não se reivindica marxista-leninista. Entretanto, Lenin é um dos autores mais importantes do marxismo.

plataforma (posts curtos em *tweets*, predominância de imagens no *Instagram*, uso de vídeos no *Tiktok* e *YouTube*).

O alcance também não é viabilizado somente pelo planejamento da entidade. Por exemplo, se pensarmos em uma panfletagem tradicional, há maior movimento de estudantes que possam receber o panfleto durante o almoço nos Restaurantes Universitários. Dependendo do horário de pico de uso no *Instagram* nem sempre garante mais visualizações. Nas redes sociais, o engajamento ativo (compartilhamento, comentários, participar da campanha) é requisito para que os comunicados do DCE cheguem aos estudantes que não estão engajados nas questões da entidade.

Essas demandas e especificações exigem mudança na maneira de comunicar, mas também permitem que novos tipos de mídia sejam apropriados pelo movimento estudantil. O vídeo é o exemplo mais latente disso: uma década atrás, precisaria de uma câmera dedicada e microfone. Hoje, qualquer celular é capaz de filmar e fazer edição básica de vídeo. Anos atrás, não havia sequer plataforma que valesse o esforço de filmar. Hoje, temos o próprio perfil do DCE.

Ao pensar nas mídias que o movimento estudantil pode utilizar, me debruço sobre dois formatos em específico.

5. AS PLAQUINHAS

Os cartazes de protesto são tradicionais de atos de rua: com frases de efeito, ilustram ao transeunte desavisado do que se trata a manifestação que ali ocorre. O artista do cartaz é pouco relevante frente a seu conteúdo.

Nas redes sociais, o cartaz de protesto ganha nova variação: além das versões de rua, temos o que chamamos, informalmente, de *plaquinhas*. Esse tipo de cartaz tem como característica principal a repetição de motes referentes a uma campanha política única, que não necessariamente culmina em manifestação de rua. Exemplo disso é a campanha retratada em minhas pinturas, LGBTs pelo Fora Bolsonaro (figs. 15 a 18).

As plaquinhas normalmente são feitas em papel sulfite ou cadernos, de forma bastante rudimentar. Artistas de plaquinha não buscam a composição perfeita de um cartaz, somente a transmissão da mensagem e a divulgação de sua entidade ou organização política (via utilização de símbolos como camisa e logotipo).

É importante colocar que há dois elementos relevantes para a caracterização desse tipo de cartaz. Primeiro, seus participantes não são necessariamente identificados por nome ou alcunha (como um *username*); podem ser publicados tanto pela entidade autora da campanha como por perfil pessoal. Segundo, a principal questão no que se refere a essas plaquinhas é a sua tentativa de viralização.

As campanhas são feitas na intenção de chamar a atenção para pautas políticas a partir da massificação dessas plaquinhas. Busca-se que dezenas de militantes e até mesmo os menos engajados participem e compartilhem suas plaquinhas feitas de casa, num fazer político muito menos trabalhoso que o ato de comparecer a uma manifestação de rua.

Partimos, então, para averiguação formal: o texto das plaquinhas é feito com o que está à mão. O material que risca seu suporte varia de canetas esferográficas, marca-texto ou até mesmo a alteração digital do texto. O cartaz não precisa nem ser propriamente físico para ser utilizável.

Outra questão que difere dos mais tradicionais é o fator de customização da foto. As fotografias da campanha costumam ser *selfies* e nisso, acrescentam subjetividade

para além dos limites do cartaz. O autorretrato permite que o sujeito determine pose, luz, fundo, entre outros elementos que variam no produto final.

Esse elemento do autorretrato foi o que me fez querer pintar as plaquinhas para a exposição individual. Ao me debruçar sobre esses autorretratos e remover o fator em comum deles (a mensagem da campanha escrita na placa), posso me dedicar ao individual em cada uma dessas imagens de referência. O retratado usa filtro na imagem? Onde a foto foi tirada? No caso dessas referências, o fundo faz parte da narrativa.



Fig. 15: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante do Movimento Negro Perifa Zumbi em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Única das plaquinhas que não é uma *selfie*. Acesso: 12/09/2022.



Fig. 16: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante da União da Juventude Comunista em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Acesso: 12/09/2022



Fig. 17: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante do coletivo Juntos! em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Acesso: 12/09/2022



Fig. 18: Captura de tela de imagem publicada no instagram do DCE da UFRJ. Militante do Coletivo RUA em campanha LGBTs da UFRJ pelo Fora Bolsonaro. Acesso: 12/09/2022

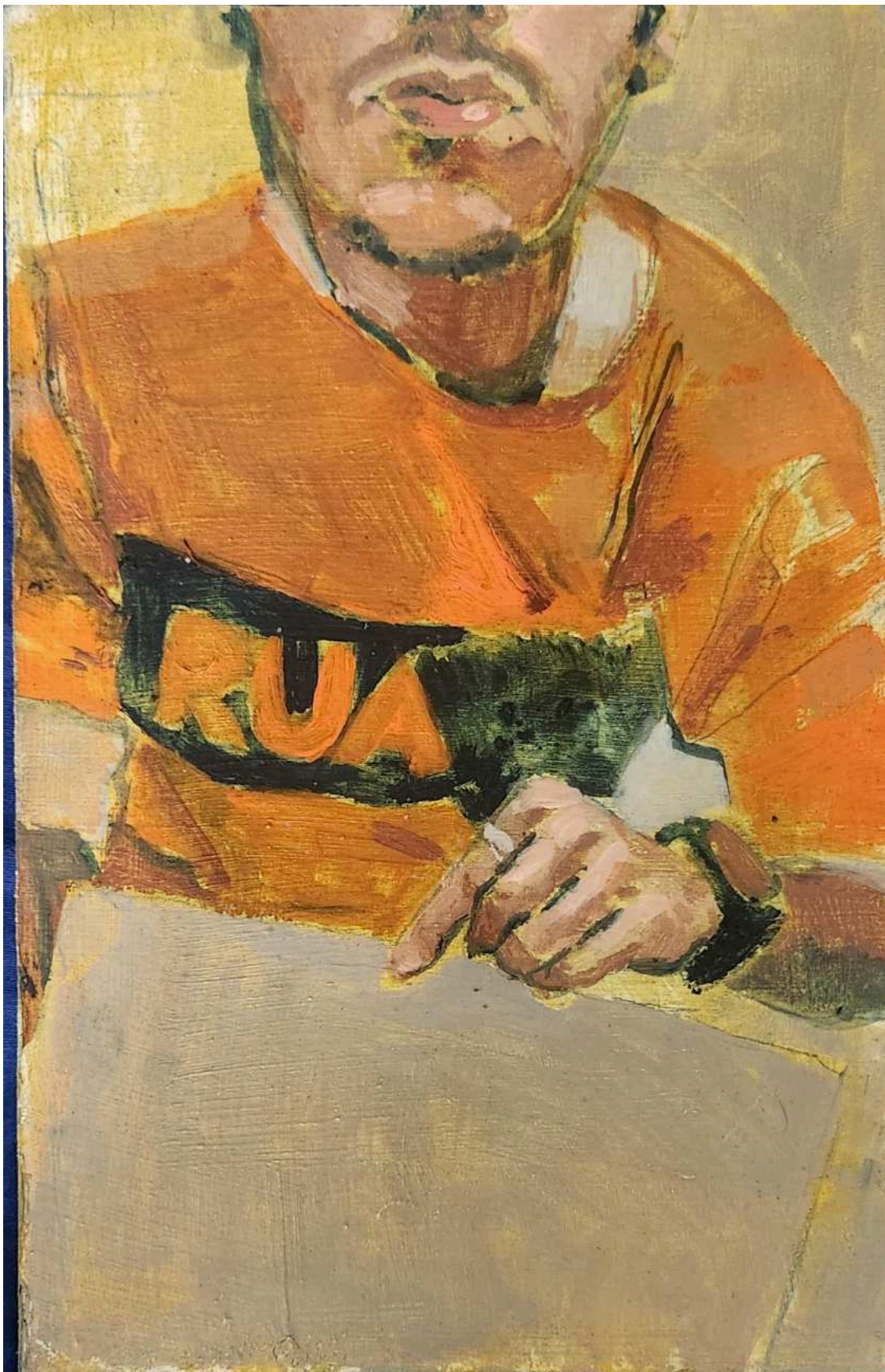


Fig. 19: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

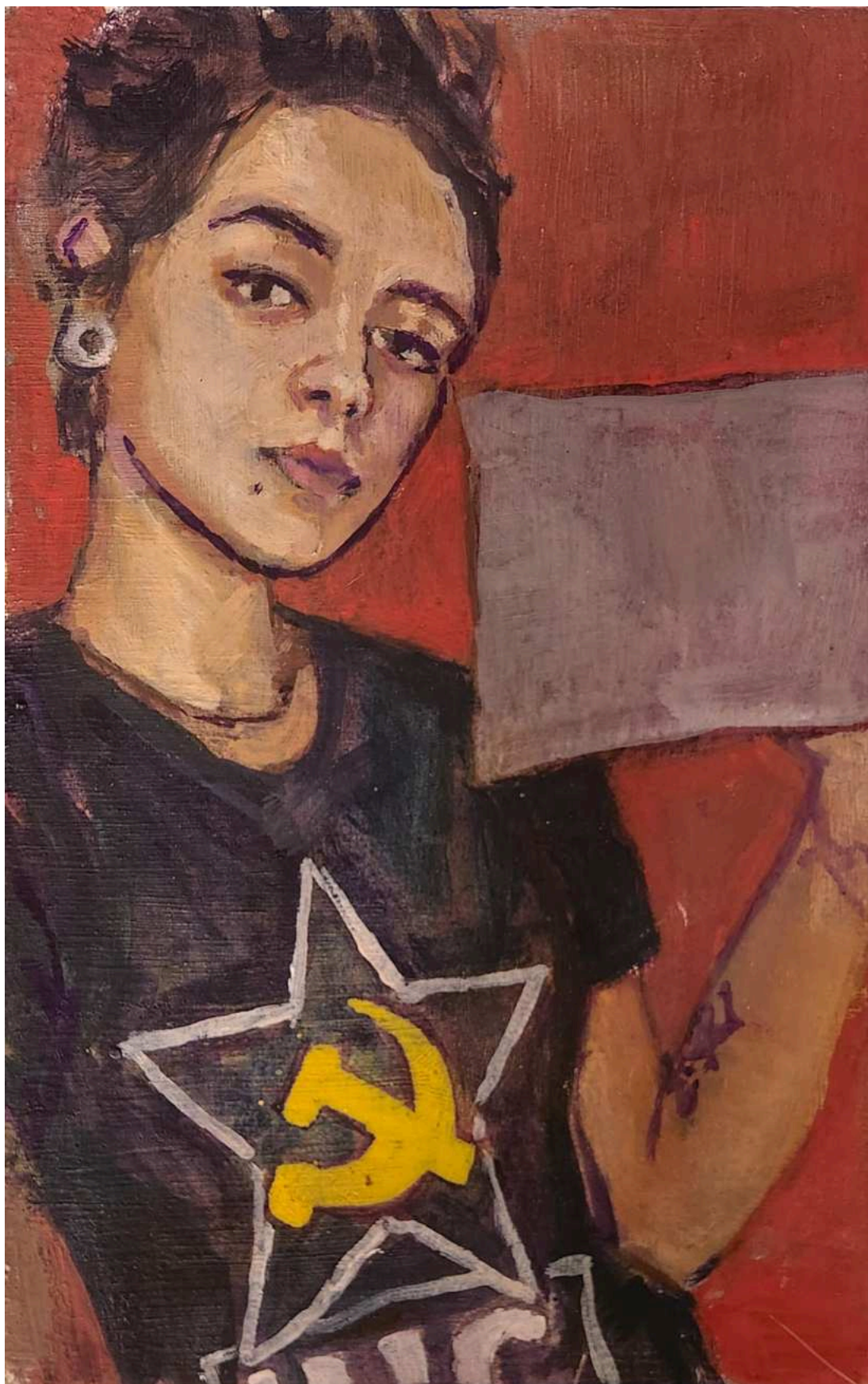


Fig. 20: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.



Fig. 21: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.



Fig. 22: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

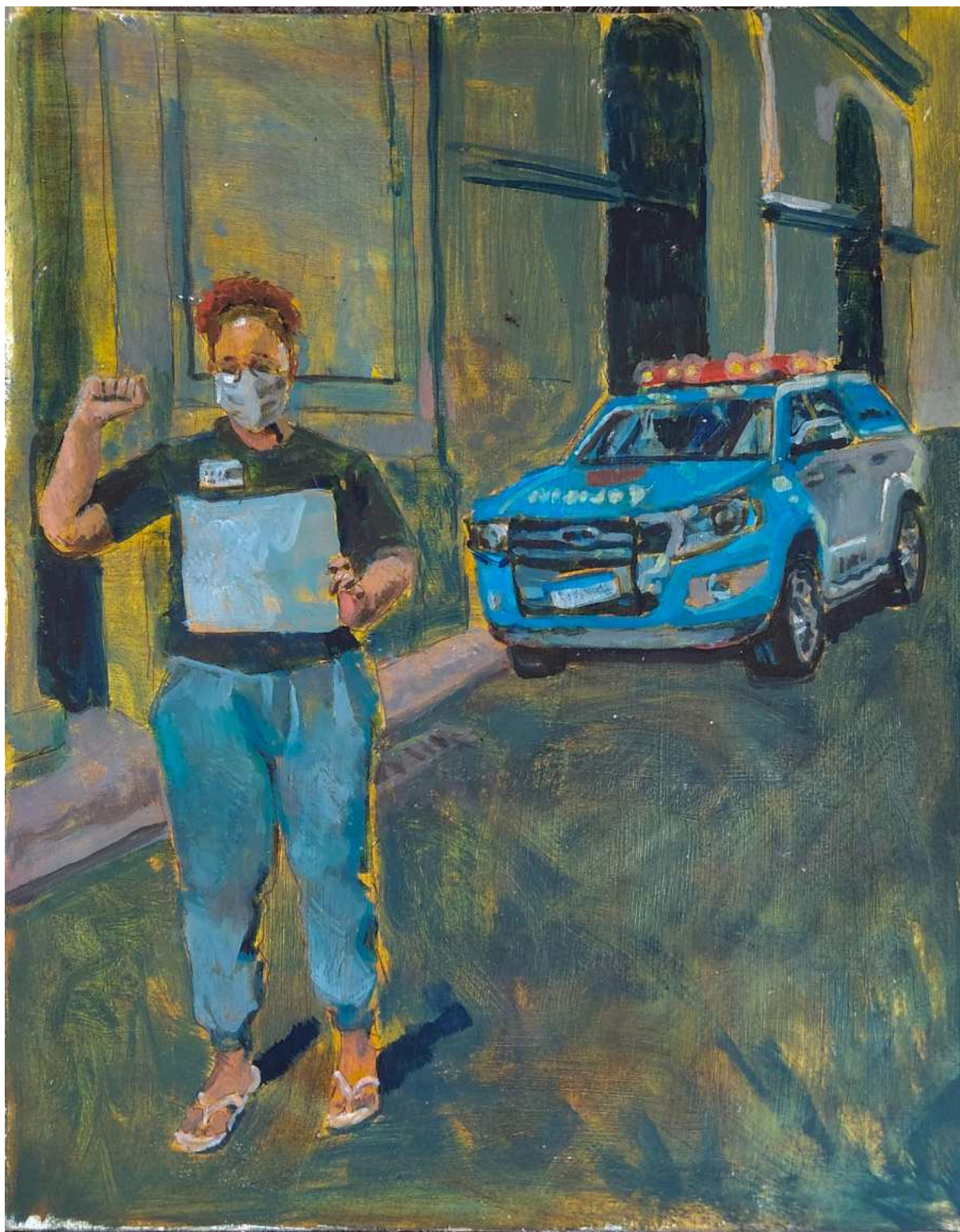


Fig. 23: Sem título, óleo sobre Papel Paraná, 40x50cm. Juliana Coutinho, 2023.



Fig. 24: Sem título, óleo sobre Papel Paraná, 40x50cm. Juliana Coutinho, 2023.

6. VÍDEOS

Das formas que movimentos sociais e de juventude encontraram para disseminar sua linha política, uma das mais interessantes é o uso de vídeos curtos. Enquanto as plaquinhas mostram apenas o rosto do militante e palavra de ordem da campanha, as filmagens contêm seus protagonistas se apresentando com nome e organização política, além de proferirem discursos curtos. Em linguajar militante, são quadros fazendo fala.

Para melhor entender a diferenciação conteudística entre o vídeo e a placa, é importante que se entenda o que é um quadro no sentido político. Ademar Bogo (2011) descreve, com base em discursos de Che Guevara, uma série de qualidades que tornam um militante um quadro de sua organização. Entre elas, destaco e cito: “ter firmeza ideológica para não retroceder”, “saber orientar”, “ter conhecimento profundo da realidade em que atua” e “elaborar métodos de trabalho”.

Presume-se então que um quadro deve ser um militante com certa experiência, dado que as qualidades acima se adquirem com a prática das tarefas e com o entendimento da organização em que se está e também do seu entorno. No caso do movimento estudantil, seus quadros são diretores de centros e diretórios acadêmicos, de diretório central ou até mesmo de entidade do tamanho da UNE.

Nos vídeos, a diferenciação que se faz é a da linha política apresentada. Seus protagonistas dispõem de tempo curto, mas ainda assim o conteúdo ultrapassa a mera palavra de ordem. O vídeo ainda é, no grande esquema das coisas, material agitado. Entretanto, se colocado em perspectiva com as plaquinhas, tende mais à propaganda: os vídeos são capazes de, minimamente, organizar raciocínio e apontar para a mesma direção política que o DCE (e conseqüentemente as forças que o dirigem).

Em se tratando de poética, os vídeos também são diferentes da plaquinha no que tange a subjetividade do objeto de pintura. Enquanto nas pinturas de placa as referências eram selfies, com todas as questões relacionadas ao autorretrato, nos vídeos não existe só uma pessoa (vide referências nas fig. 25 a 28). A escolha de não haver somente um militante é política, para que haja mais espaço para as

organizações que constroem a entidade. No vídeo, os personagens são simultaneamente DCE e sua própria organização.

Nesses vídeos, também, o cenário se torna parte importante da narrativa. Onde estão os diretores? Por quê? Podem estar no Conselho Universitário junto a estudantes ou em um espaço movimentado para divulgar ato de rua. O contexto conta aos interessados quais são os espaços que o DCE julga importantes de construir.

Na pintura, me esforcei em caracterizar esses cenários de forma solta, para que as figuras ainda fossem o ponto principal do trabalho. Também me dediquei na representação dos uniformes dos coletivos partidários. Salvo essas questões específicas, me dediquei a trabalhar a tinta de forma similar às plaquinhas.

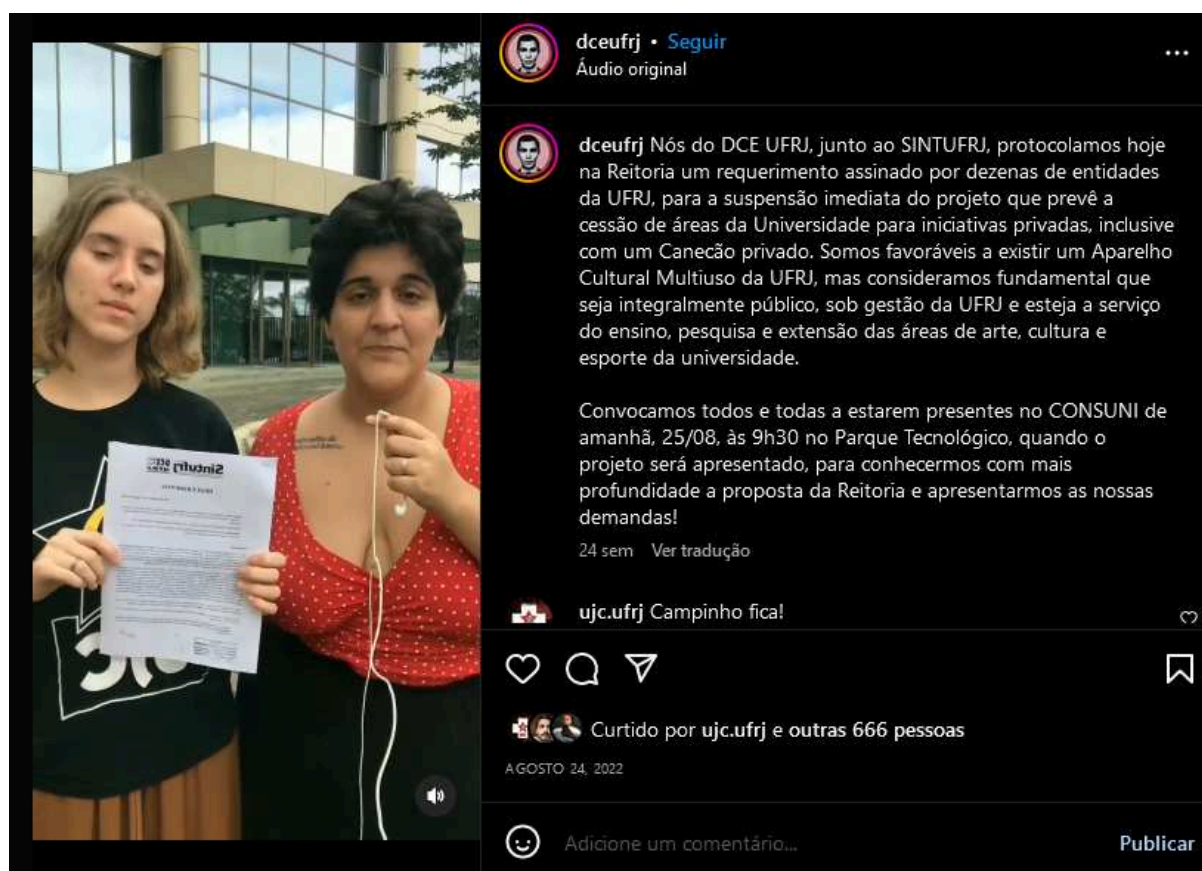


Fig. 25: Captura de tela de vídeo publicado na página do Instagram do DCE da UFRJ. Diretoras do DCE em frente ao Parque Tecnológico da UFRJ. Acesso: 13/02/2023.



Fig. 26: Captura de tela de vídeo publicado no Instagram do DCE da UFRJ. Diretores do DCE em CONEG da UNE (Congresso Nacional de Entidades Gerais⁶ da União Nacional dos Estudantes). Acesso: 13/02/2023.

⁶ O Conselho Nacional de Entidades Gerais da UNE ocorre anualmente e discute o Movimento Estudantil no país. Votam no conselho as “entidades gerais”, que de acordo com regimento publicado pela União Nacional dos Estudantes, são UEEs (União Estadual de Estudantes), DCEs, Executivas e Federações de curso. (68º Coneg vem aí! O maior encontro de DCEs do Brasil volta de 22 a 24 de Julho. UNE, disponível em: <https://www.une.org.br/noticias/68o-coneg-vem-ai-o-maior-encontro-de-dces-do-brasil-volta-de-22-a-24-de-julho>. Acesso em 08/05/2023



Fig. 27: Captura de tela de vídeo publicado no Instagram do DCE da UFRJ em sessão do Conselho Universitário da UFRJ (CONSUNI). Acesso: 13/02/2023



Fig. 28: Captura de tela de vídeo publicado no perfil do Instagram do DCE da UFRJ. Diretoras do DCE em manifestação contra aumento de passagem dos trens, filmado na estação Central. Acesso: 13/04/2023.

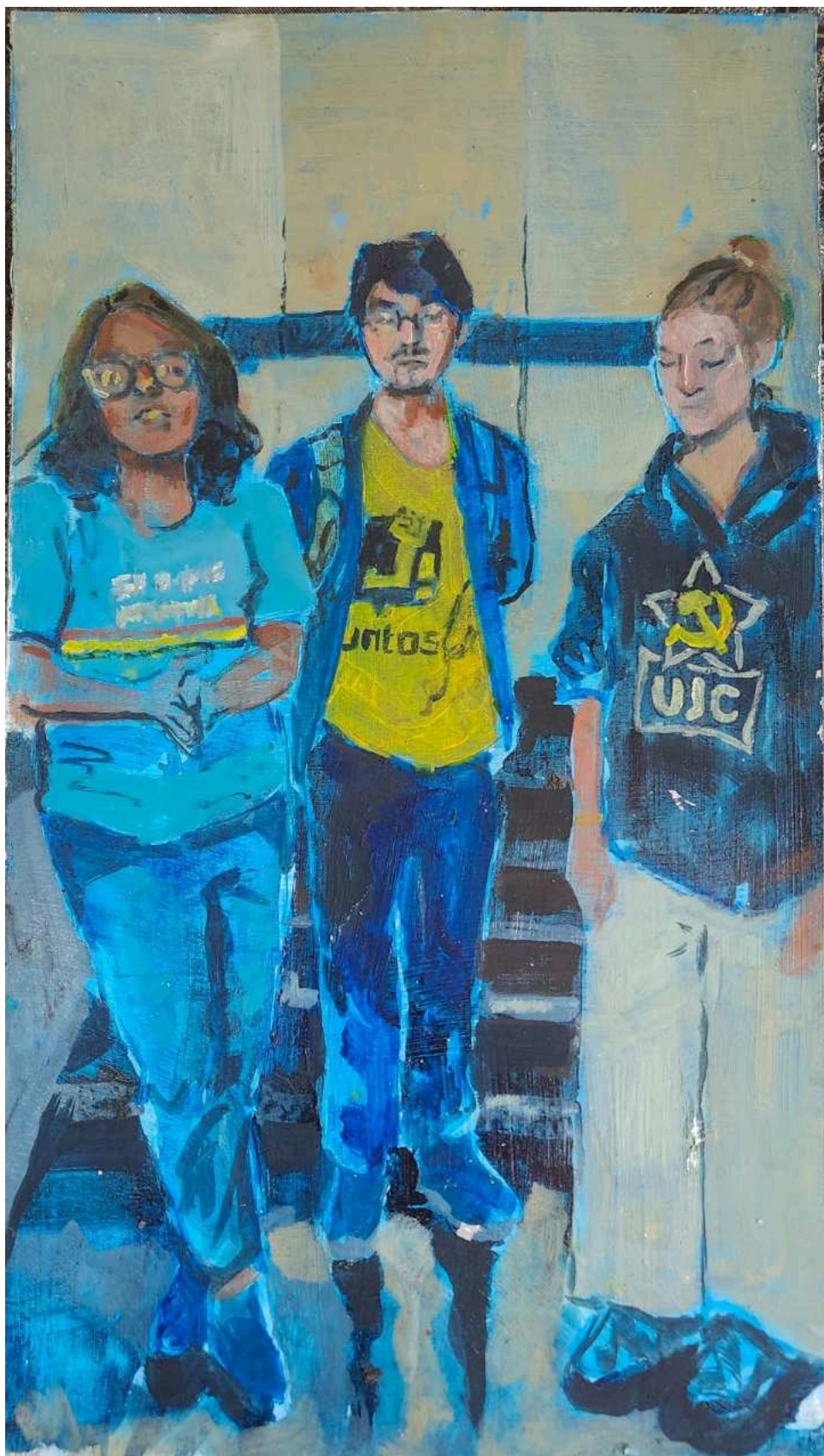


Fig. 29: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

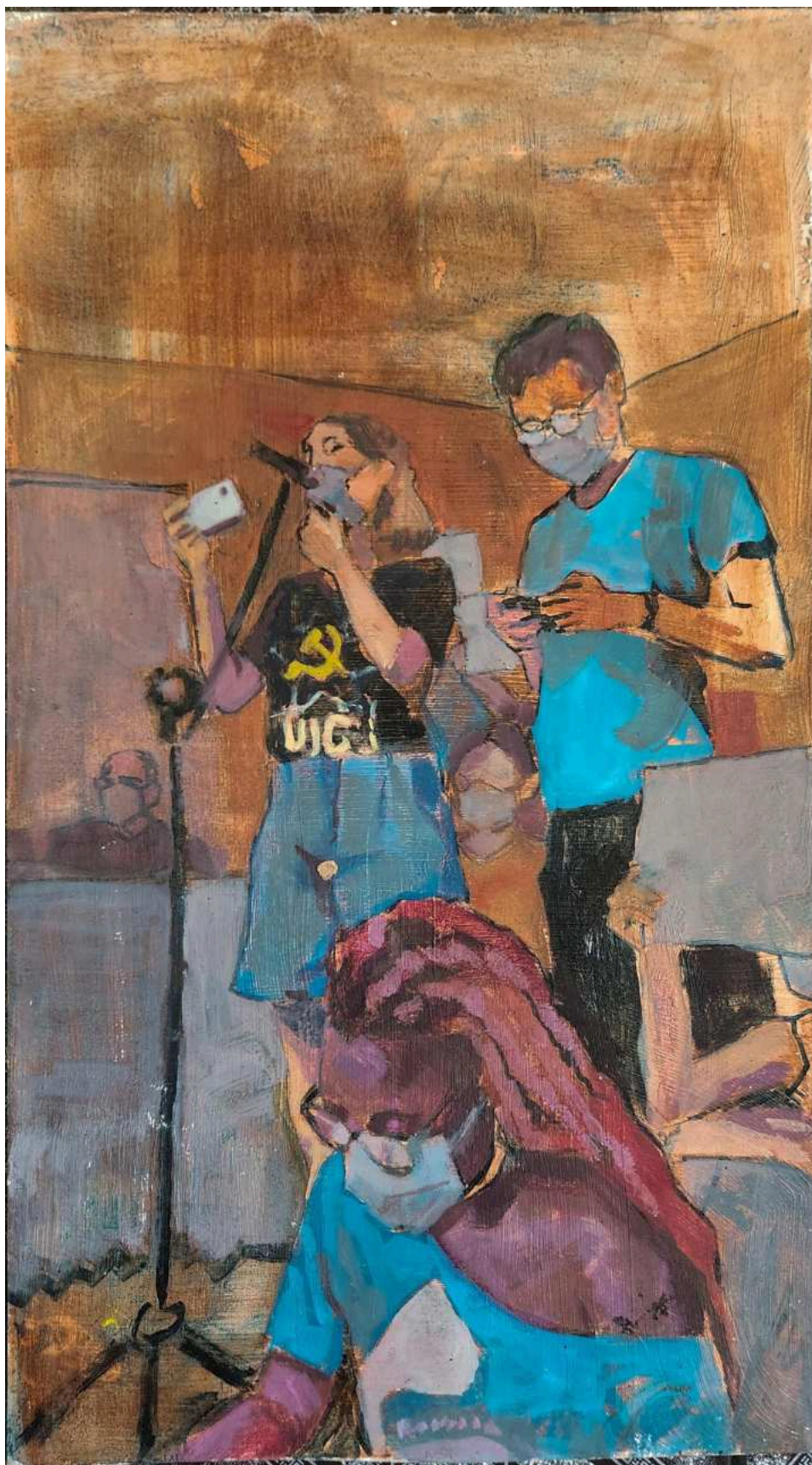


Fig. 30: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.



Fig. 31: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

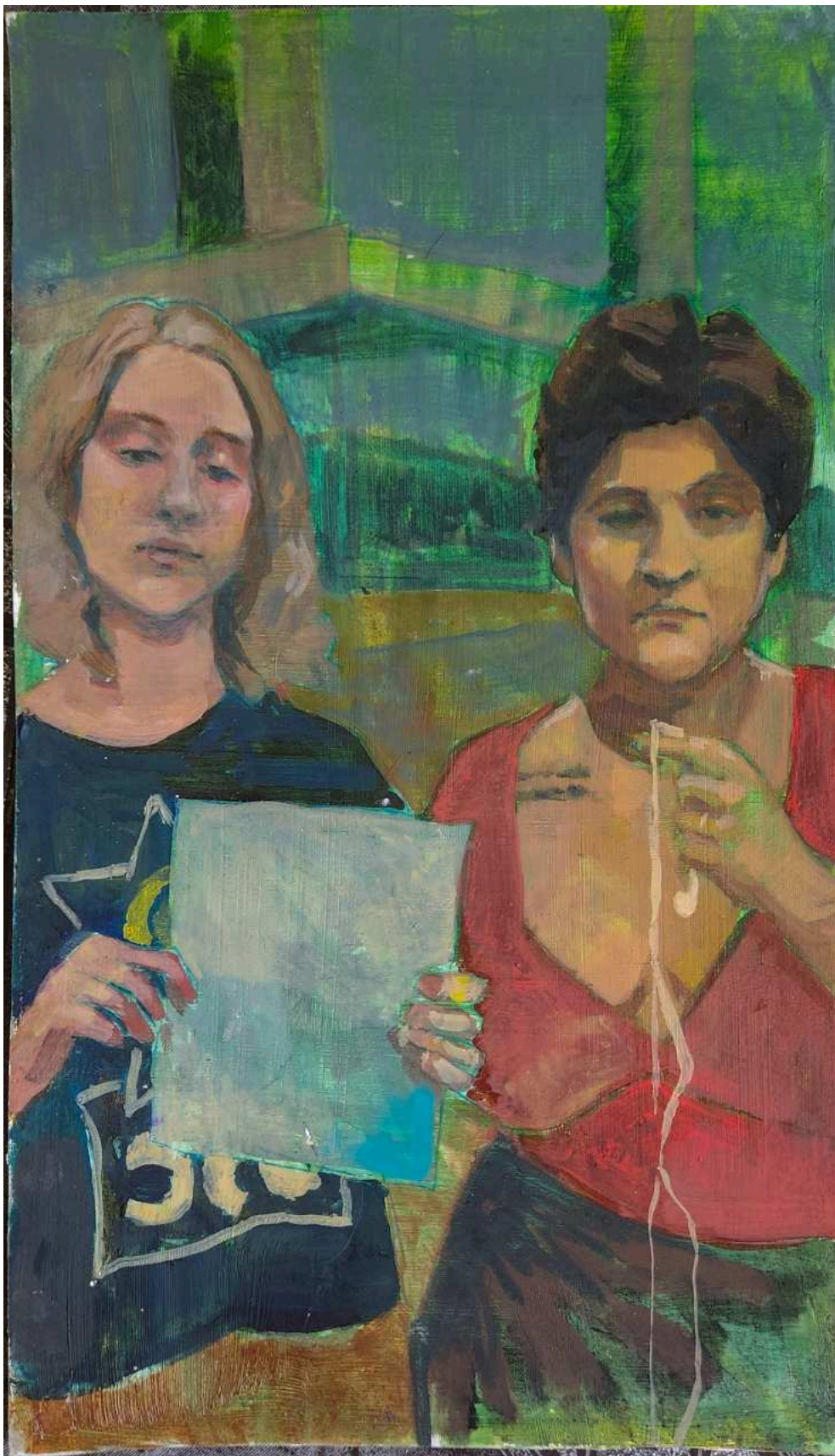


Fig. 32: Sem título, óleo sobre Papel Paraná 27x48cm. Juliana Coutinho, 2023.

7. MÁRIO PRATA

O Diretório Central de Estudantes da UFRJ não se apresenta somente pelo uso de vídeos e campanhas com diretores e apoiadores. Em todas as redes sociais que possui conta, a entidade também publica imagens editadas em cores representativas da gestão. Isso torna o design gráfico e a identidade visual elementos importantíssimos na representação do que é o DCE Mário Prata, tanto para se diferenciar de outros Diretórios Centrais quanto para se posicionar dentro da comunidade discente da UFRJ.

O DCE atualmente tem duas aplicações de logotipo. A primeira, em texto (fig. 33) e a segunda, a partir do rosto de Mário Prata⁷, estudante que nomeia a entidade (fig. 29 e 30). Ambas as representações possuem variações de cor a depender da gestão atuante no momento. Se no momento da escrita desta monografia o DCE se apresenta por cores primárias com enfoque em vermelho, em 2018 se apresentava com outro esquema cromático, refletindo a composição política da chapa eleita.



Fig. 33: Logotipo do DCE da UFRJ na versão de texto.

Sabendo disso, é uma decisão minha pintar Mário Prata em diferentes paletas de cor. O objetivo não somente representar as diversas gestões que presenciei desde meu ingresso na UFRJ, como trazer à luz a identidade visual como ilustrador de disputas políticas.

⁷ Mário de Souza Prata foi estudante de engenharia da UFRJ e presidente do Diretório Central dos Estudantes. Foi militante do MR-8, morto em 1971, durante a ditadura militar, em circunstâncias não esclarecidas. Hoje o DCE leva seu nome. (<http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/mario-de-souza-prata/> Acesso em 16/06/2023.)

Existe, também, uma camada a mais além da identificação de chapas. Um fenômeno interessante no facebook foi a utilização de *twibbon*, um site que acrescentava um filtro de campanha à sua foto de perfil. Em julho de 2015, o DCE fazia parte de uma campanha de solidariedade a pessoas trans (fig. 34). Dois anos depois, era a bandeira LGBT em arco-íris que coloria Mário Prata (fig. 35)

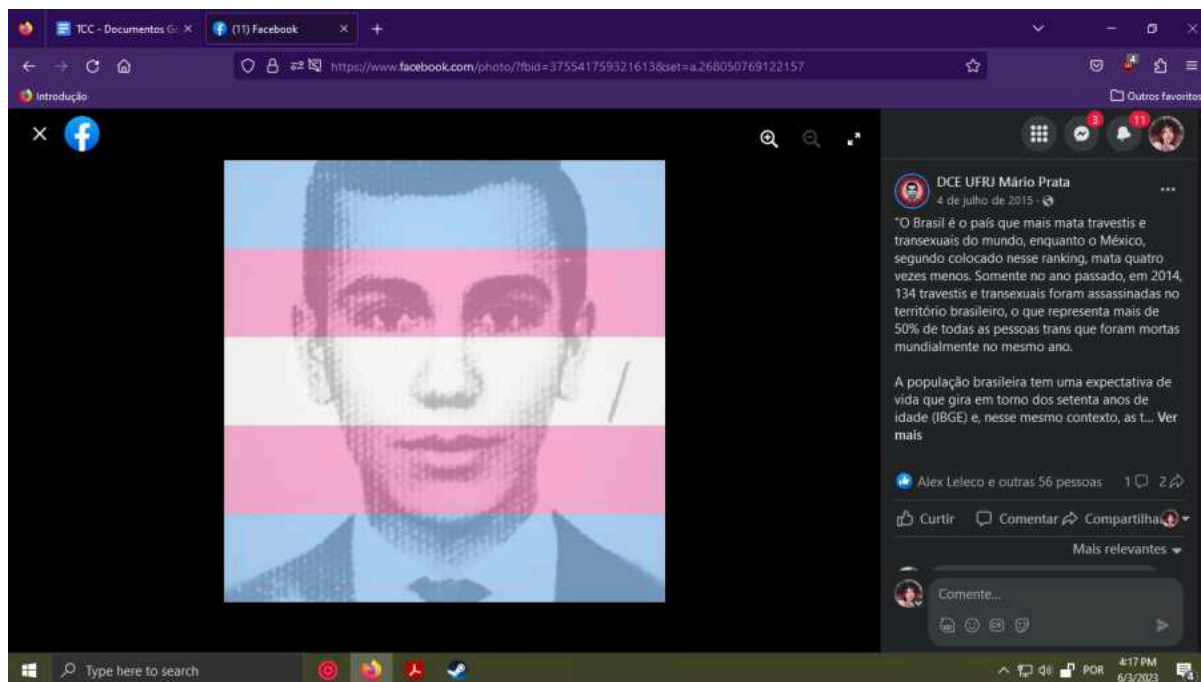


Fig. 34: DCE UFRJ em campanha de solidariedade trans. As imagens com filtro costumavam acompanhar texto explicativo sobre a campanha. (Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=375541759321613&set=a.268050769122157> Acesso 03/06/2023)

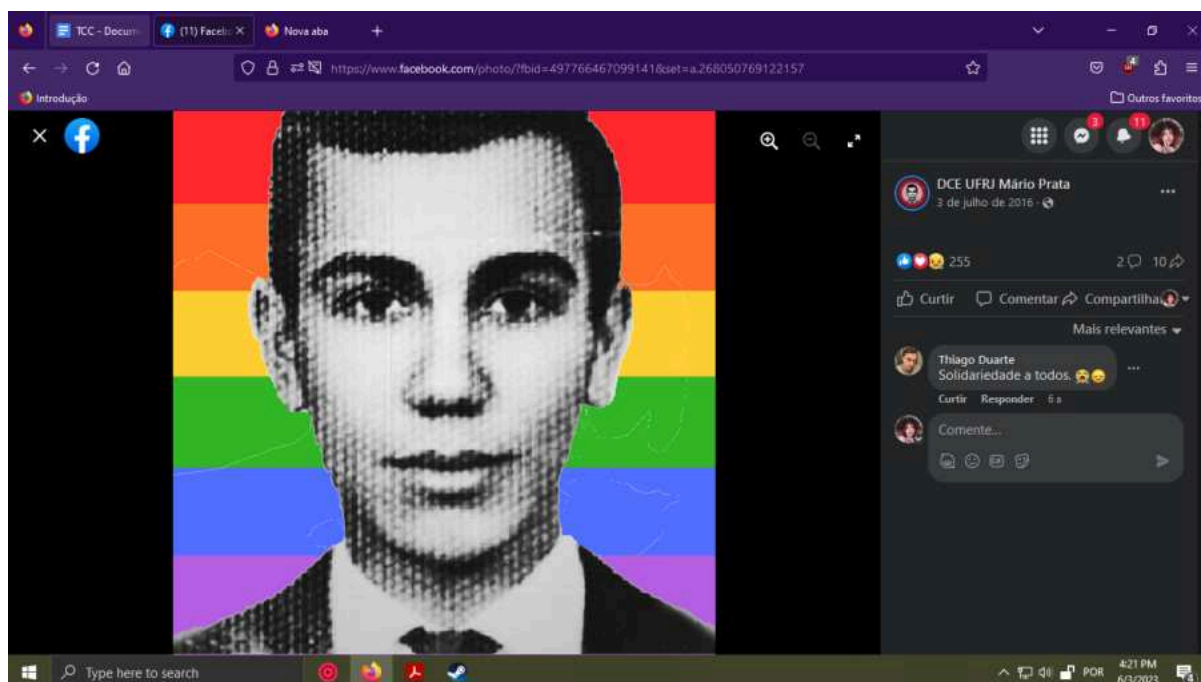


Fig. 35: DCE UFRJ em campanha LGBT não-identificada. (Disponível em <https://www.facebook.com/photo/?fbid=497766467099141&set=a.268050769122157>. Acesso 03/06/2023)

Na escolha de referências, preferi utilizar duas fotos de perfil análogas a gestões e duas de campanha. Fiz uma decisão pessoal sobre o formato: apesar da imagem ser recortada em círculo ou quadrado em redes sociais, mantive a proporção de 3x4 que foi utilizada nas pinturas de plaquinha para manter um certo padrão entre as pinturas do TCC (salvo as de vídeo).

Primeiro, pintei a imagem que mantém as cores da penúltima chapa eleita (vermelho, preto e branco; fig. 38), gestão da qual fiz parte na diretoria plena e na executiva e também como conselheira universitária. A foto se mantém, no momento da escrita deste texto (agosto de 2023) como imagem de perfil na conta do DCE mesmo após a última eleição em junho de 2022.

A segunda chapa escolhida foi a de 2018, que tem as cores verde piscina e roxo (fig. 37). Não há nenhum motivo particular para essa ter sido a outra pintura, só que as outras chapas com foto de perfil tinham cores semelhantes à pintura anterior (rosa e branco, vermelho e branco).

Sobre as campanhas, usei duas referentes à população LGBT (fig. 36 e 39), ambas citadas anteriormente. A razão foi a variação de cores e divisão horizontal de

imagem sobre o Mário Prata. que poderia me criar um desafio interessante no uso de valores tonais.

Gostaria de ter usado mais variações do Mário Prata. Infelizmente, haviam poucas outras ao longo dos últimos anos, a maioria em baixíssima resolução. Atribuo a isso dois motivos: primeiro, a transição do Facebook para o Instagram como rede social principal entre a juventude, o que gera uma perda de informação das trocas de imagem de perfil (no Instagram, não há registro do histórico de fotos de perfil do usuário). Segundo, o período relativamente curto, dentro da vida do DCE, de uso de redes sociais e de como lidar com a divulgação da entidade.

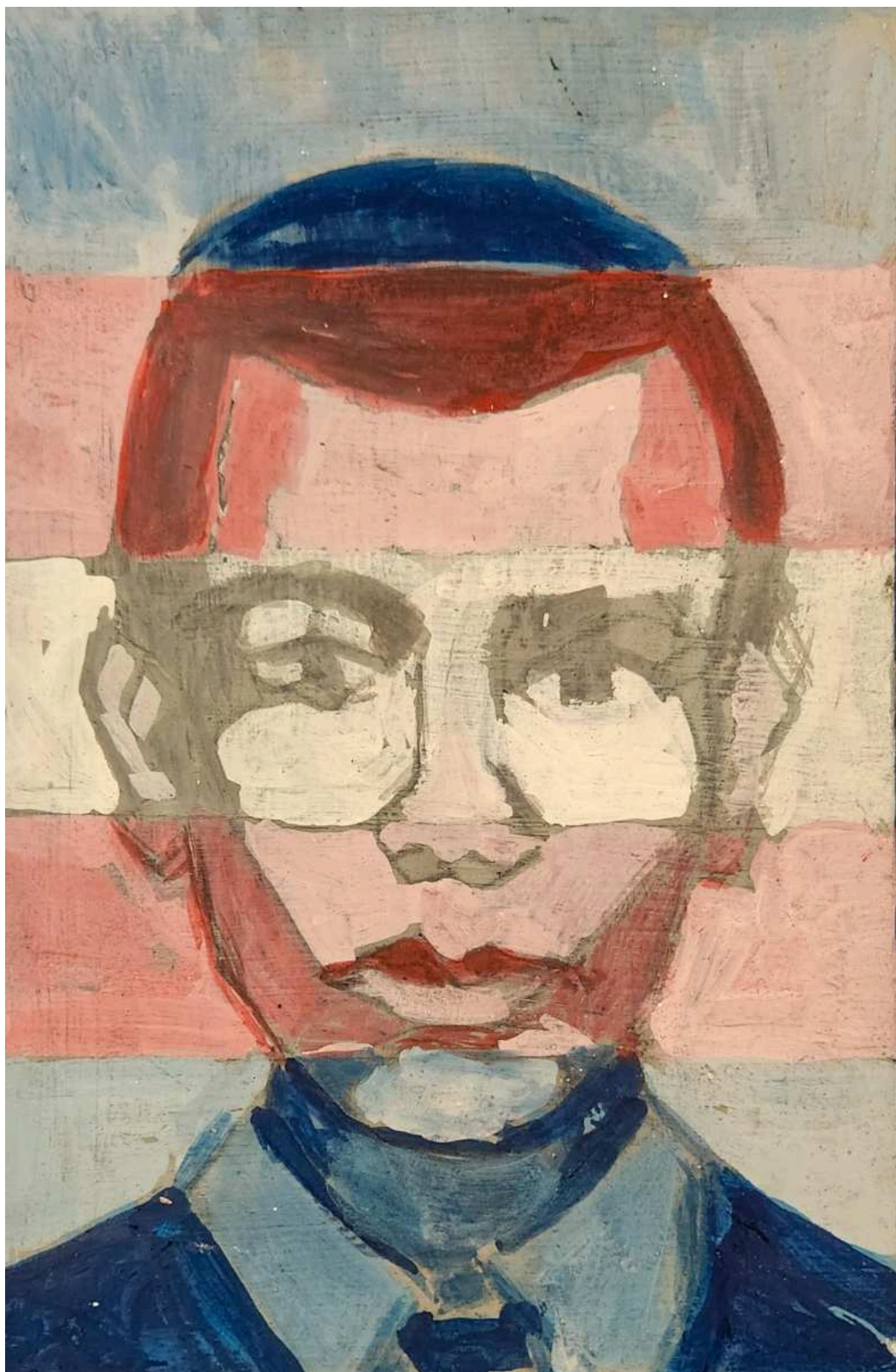


Fig. 36: Mário Prata #1, têmpera vinílica sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.



Fig. 37: Mário Prata #2, óleo sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

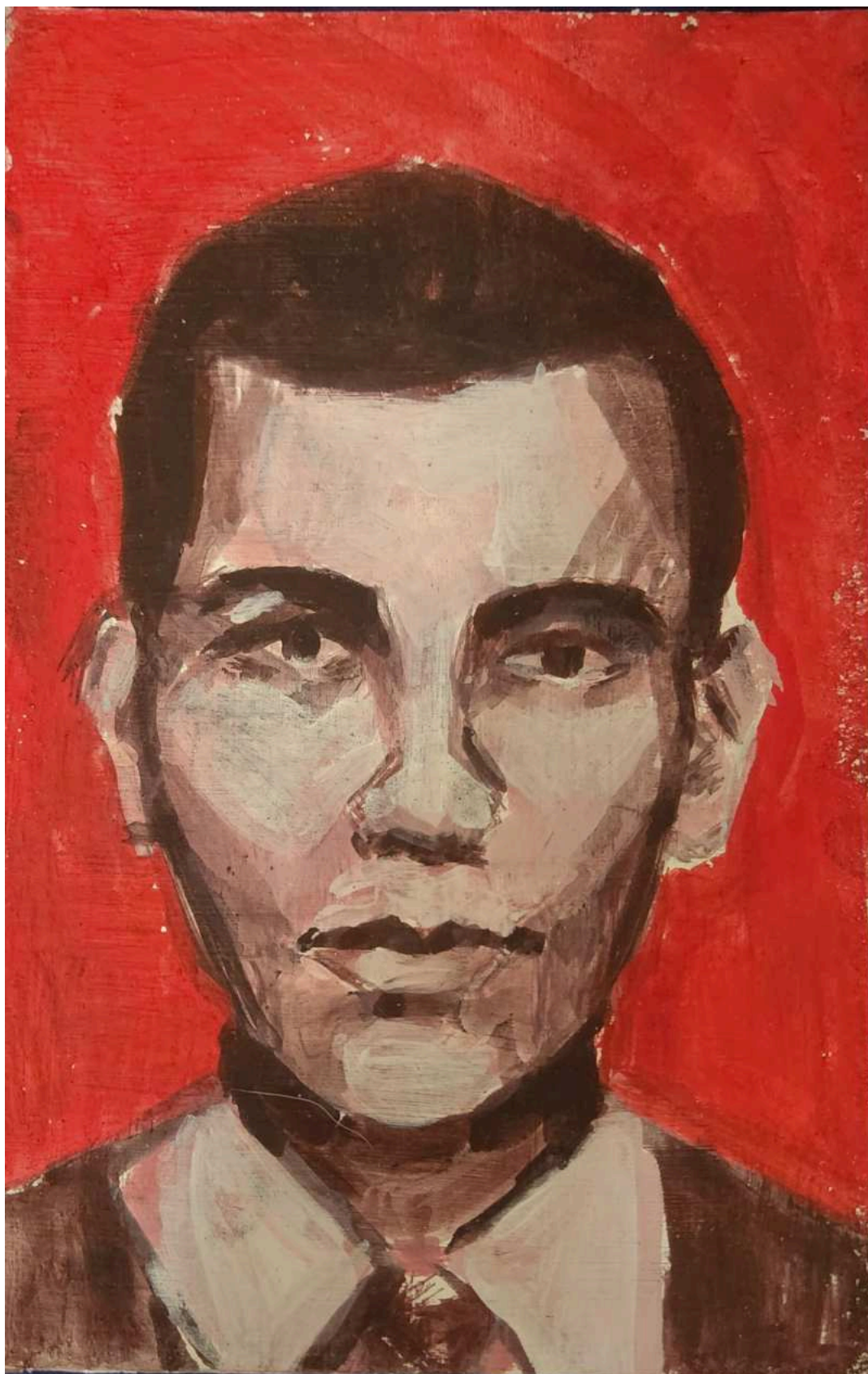


Fig. 38: Mário Prata #3, têmpera vinílica sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023

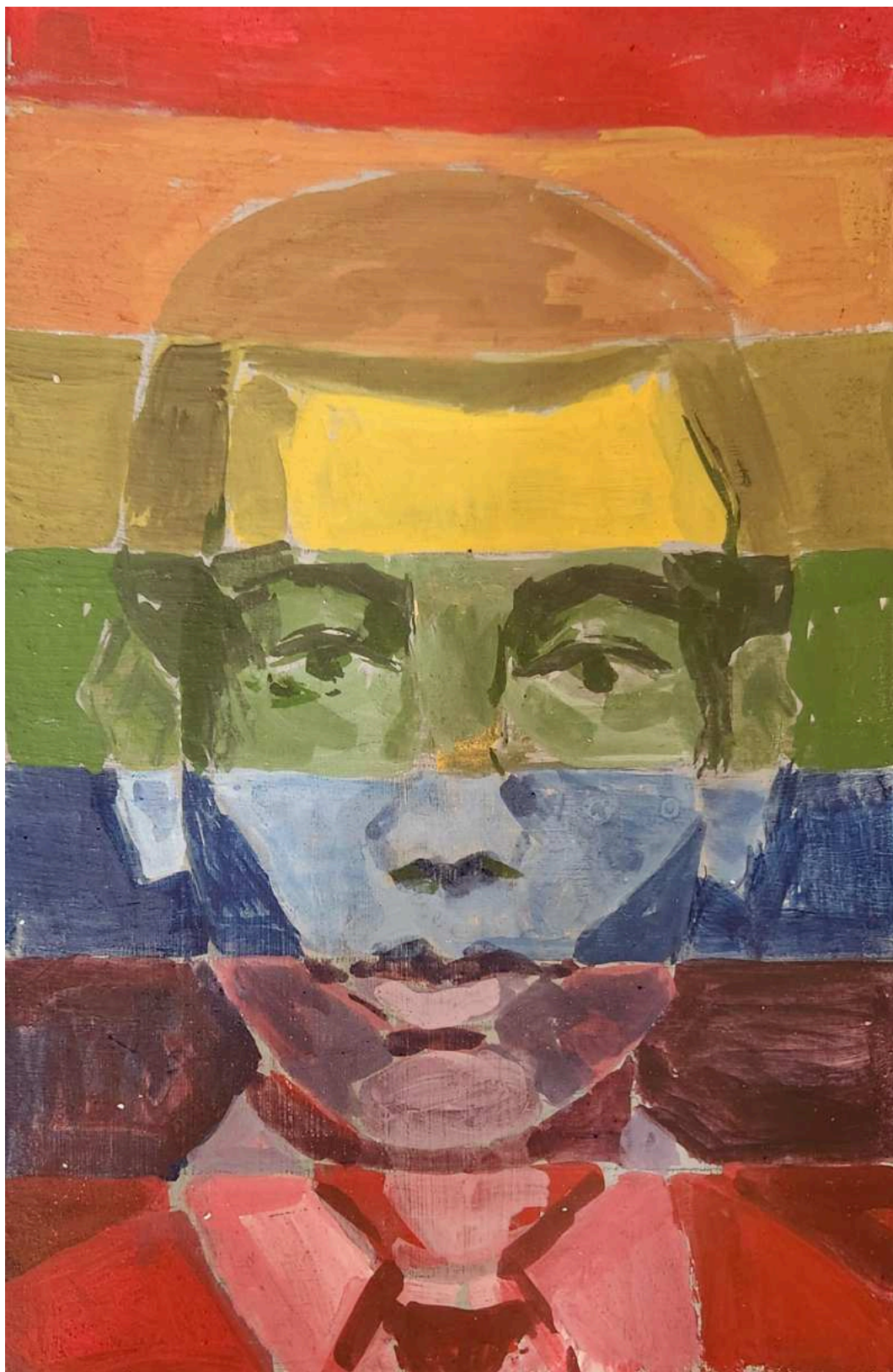


Fig. 39: Mário Prata #4, têmpera vinílica sobre papel Paraná, 13x20cm. Juliana Coutinho, 2023.

8. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ao longo do desenvolver dessas pinturas e desse texto, me deparei com uma miríade de problemas a solucionar no fazer artístico. Foi necessário resgatar minha relação com a arte ao organizar pesquisa poética sobre algo que permeia toda a minha vida.

Com essas pinturas, meu objetivo não foi apenas representar a subjetividade dentro da construção coletiva de décadas do DCE Mário Prata. Para mim, era imprescindível que também fosse um trabalho de memória que prestasse respeito a figuras que raramente são lembradas enquanto indivíduos. Evitei que fossem personagens históricos, desaparecidos da Ditadura Civil-Militar, pessoas de grande renome na História do Brasil e busquei os que estavam quase toda semana nos mesmos lugares que eu, também absortos pela árdua tarefa que é o Movimento Estudantil da UFRJ.

Gostaria de ter investigado, ainda, outros aspectos da vida militante no meio digital: durante a pandemia, foram inúmeras videochamadas de reunião da gestão de DCE e dos diversos conselhos da UFRJ. Também há os registros de manifestação, *stories* de Instagram, a coleção de identidades visuais de centros e diretórios acadêmicos. O tempo limitado me obrigou a escolher meus objetos e não me arrependo.

Por fim, é importante colocar aqui que esse trabalho, como artista, não é somente sobre o mundo ao meu redor, tampouco sobre representação romântica de movimentos sociais. Cada uma dessas pinturas é um espelho de mim e das coisas que me interessam. Pretendo seguir nesse caminho e explorar a mim mesma nas pinturas que ainda virão.

APÊNDICE

@DCEUFRJ é a primeira exposição individual de Juliana Coutinho e se trata de uma investigação pictórica das características formais do movimento estudantil brasileiro em tempos de redes sociais e tem como objeto de estudo o Diretório Central dos Estudantes da UFRJ (DCE Mário Prata).

Nas pinturas, há a exploração de dois tipos de manifestação, vistas como contrabalanço uma da outra na categoria marxista de agitação e propaganda: o uso de vídeos pelo DCE da UFRJ como propaganda e a massificação de plaquinhas de denúncia como agitação.

A exposição individual foi montada na Galeria Macunaíma Papel, no hall do prédio da Reitoria da UFRJ, dos dias 17 a 21 de julho de 2023.

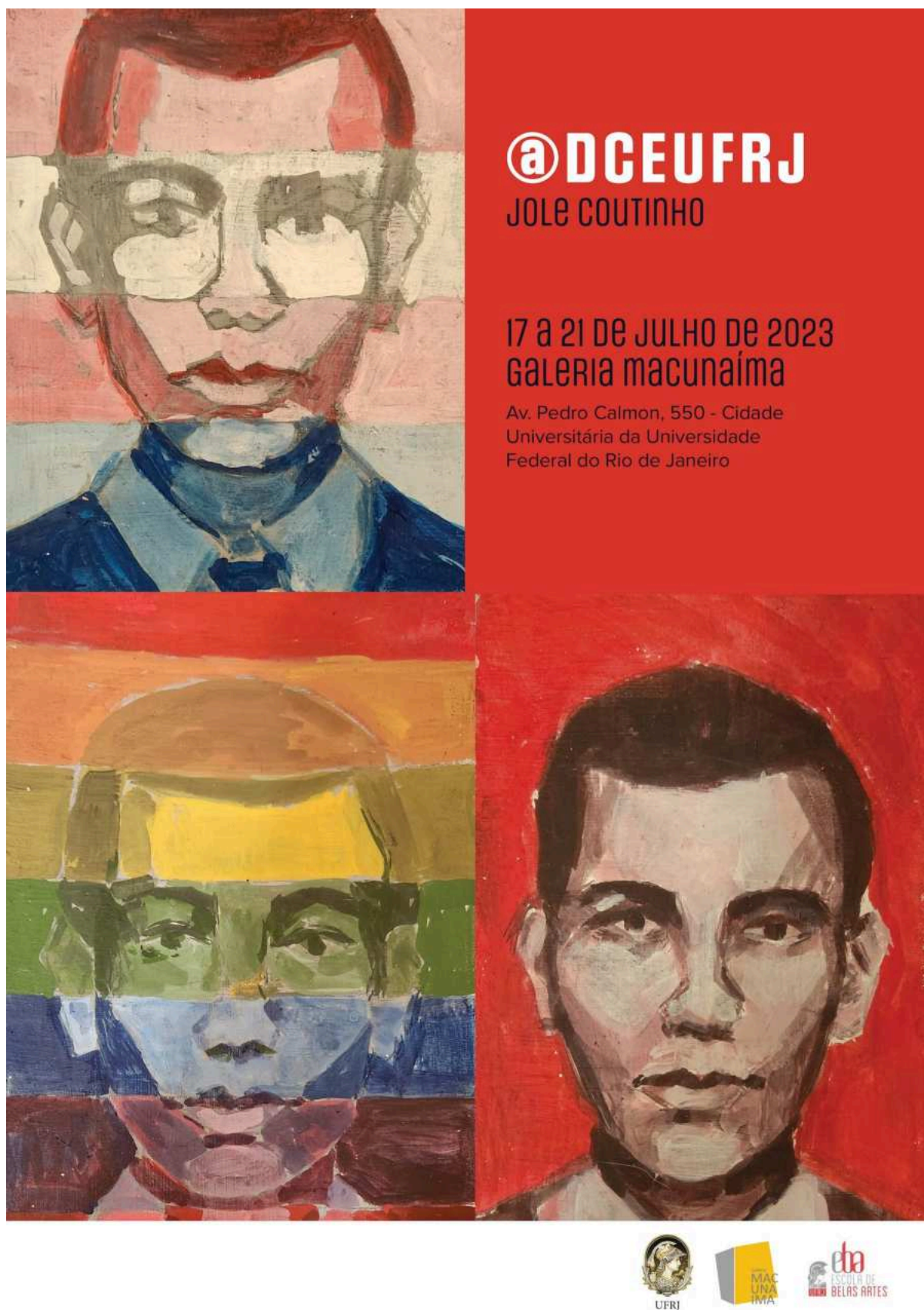


Fig. 40: Cartaz da exposição @DCEUFRJ na Galeria Macunaíma

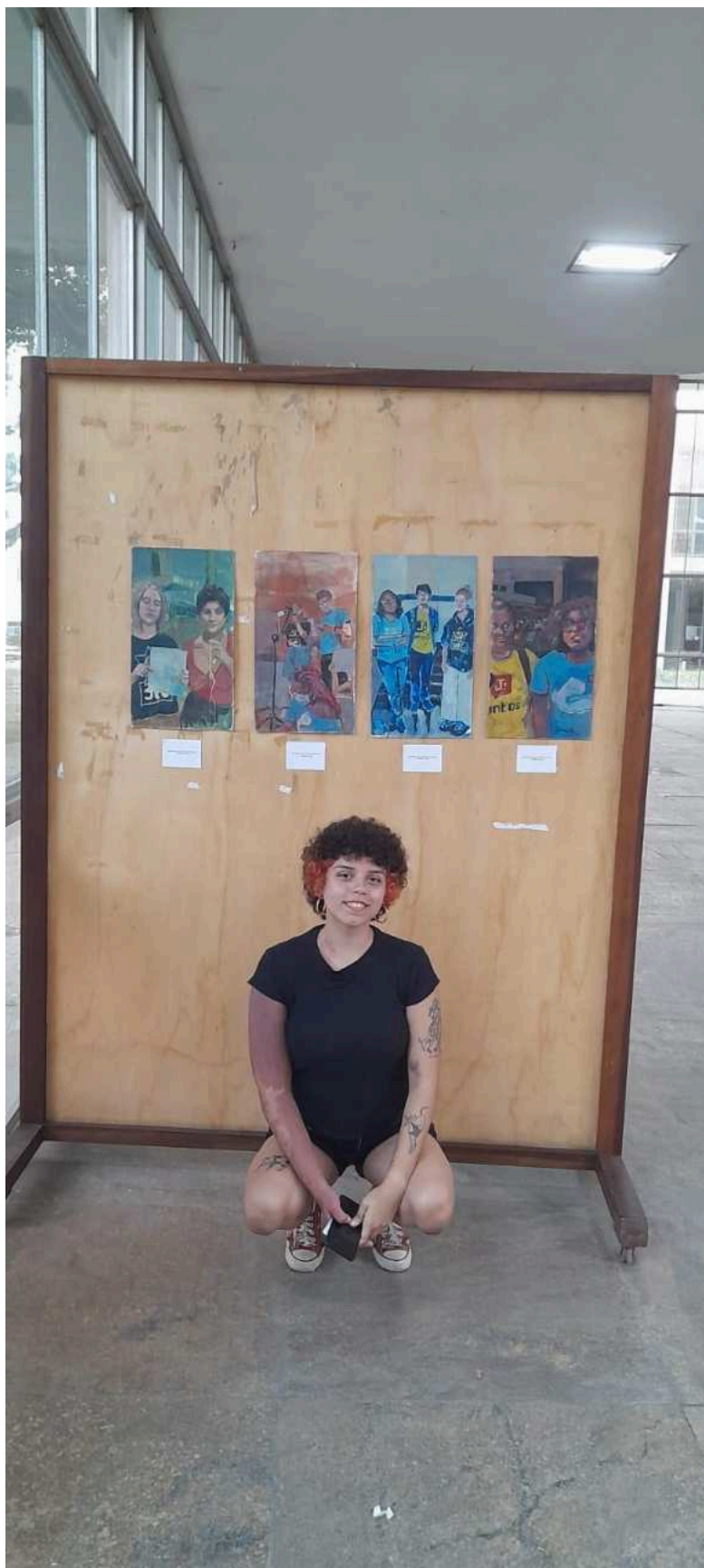


fig. 41: Pinturas expostas no Hall da Reitoria



fig. 42: Pinturas expostas no Hall da Reitoria

BIBLIOGRAFIA

AMARAL, Aracy A. Arte para quê? A preocupação social na arte brasileira 1930-1970: subsídios para uma história social da arte no Brasil. 2ª edição rev. São Paulo: Editora Nobel, 1987.

BOGO, Ademar. Organização política e política de quadros. 1ª edição. São Paulo: Expressão Popular, 2011.

ESTATUTO DCE MÁRIO PRATA 2018. Disponível em:
<https://www.calameo.com/read/00656839803c0ba36cfcb>. Acesso em 14/08/2023

MARISA STRATTON. Keep Scrolling. Disponível em:
<https://www.marisastratton.com/keep-scrolling> Acesso em 21/08/2023

MEMORIAL DA RESISTÊNCIA DE SÃO PAULO
<http://memorialdaresistencia.org.br/pessoas/mario-de-souza-prata/>

UNIÃO NACIONAL DOS ESTUDANTES. 68o Coneg vem aí! O maior encontro de DCEs do Brasil volta de 22 a 24 de Julho. UNE, disponível em:
<https://www.une.org.br/noticias/68o-coneg-vem-ai-o-maior-encontro-de-dces-do-brasil-volta-de-22-a-24-de-julho>. Acesso em 08/05/2023